

Atramentis Vivas

Volume 1, Número 4, JUL 2025



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Corpo Editorial: Sarah Venturim Lasso
Foto de capa por Julia Depaula

Periodicidade: Bimestral com temática sazonal

Tipo: Online

Ano: 2025

Semestre: 2

Mês: 07/2025

ISSN 3085-9336

Endereço corporativo: Avenida Antonia Gil Veloso, Bairro Praia da Costa, cidade Vila Velha, Estado do Espírito Santo, CEP: 29.101-011

Nível de Conteúdo: Divulgação

Idioma do Texto: Português

URL: <https://atramentisvivas.com>

Assunto Principal (Área do conhecimento): Literatura: Ficção curta, poesia, e ensaios literários.

Título da publicação: Atramentis Vivas – Revista digital literária e cultural



Nota da editora

Caros leitores,

Nesta quarta edição da revista, seguimos o fio que liga arte, literatura, trabalho e gesto.

Aqui, cada texto foi pensado como um ponto: ora preciso, ora livre, mas sempre carregado de intenção. Porque bordar não é apenas criar beleza com linhas – é contar uma história com as mãos.

A ideia para esta edição nasceu de um encontro com quem borda e rendeia não apenas para viver, mas para manter viva uma linhagem de cuidado, detalhe e permanência.

Entre bastidores, agulhas, panos e memórias, descobrimos que o artesanato é também literatura: silenciosa, tátil, resistente.

Nesta edição, você vai encontrar textos que falam de tempo lento, de escrita como costura, de memória feita de linha, de trabalho como gesto criativo. Vai conhecer uma artista das linhas e das rendas, cujas palavras se entrelaçam à arte como se saíssem do tecido.

Esta é uma edição feita com a calma de quem não tem pressa, mas tem propósito. Uma edição bordada.

Boa leitura, com as mãos e com os olhos.

A Editora

Sarah

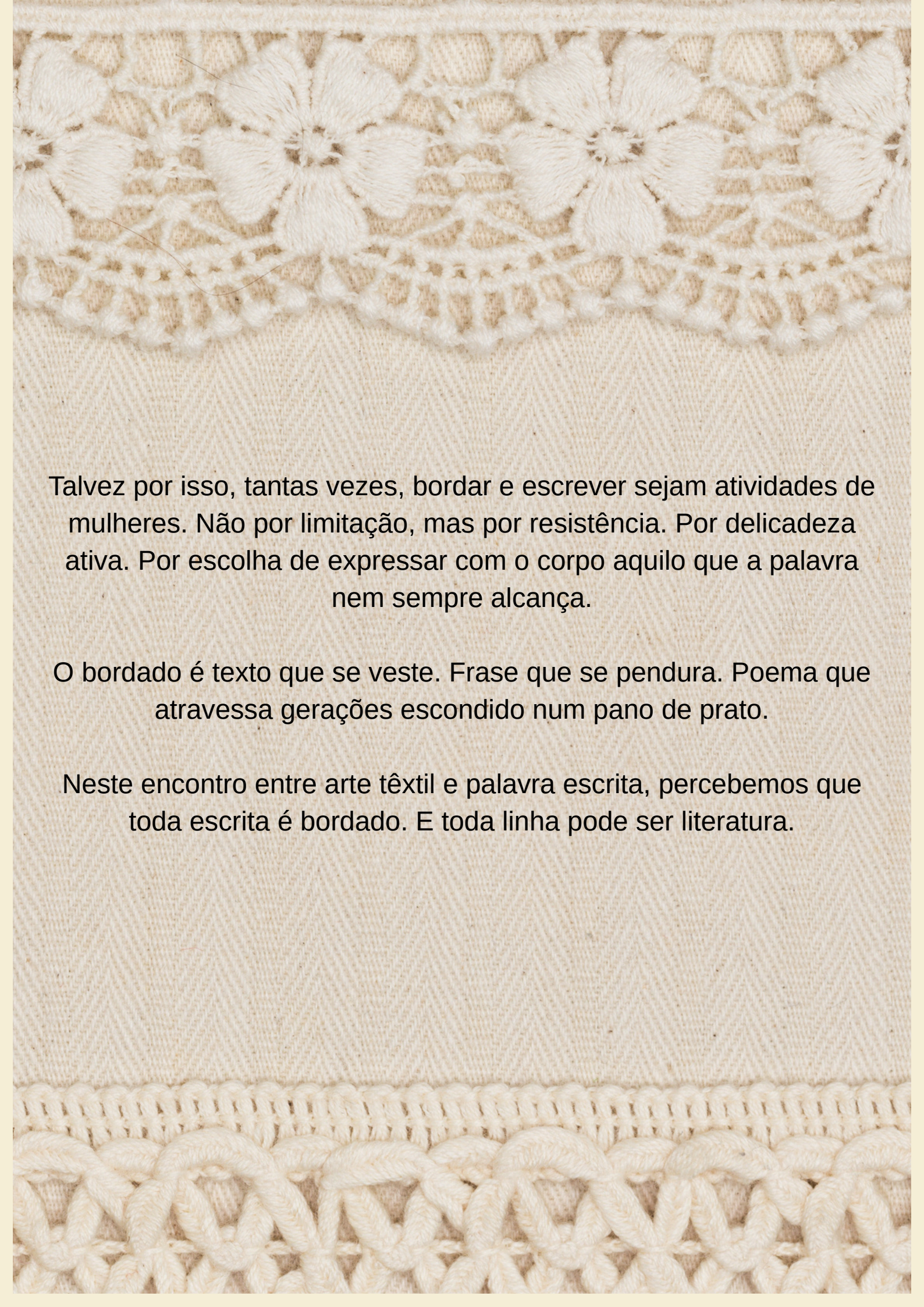
O Bordado Como Texto: Quando Agulha Vira Palavra

Antes de existirem livros, existiam fios. Tecidos pintados com linhas, símbolos bordados em mantos, histórias costuradas nos trançados de uma colcha ou de um vestido cerimonial. A agulha foi uma das primeiras formas de escrita. Cada ponto carrega um gesto, uma escolha, uma pausa. Bordar, como escrever, é uma maneira de contar.

O bordado, em sua essência, é narrativa silenciosa. Quando uma mulher borda o nome do filho, um verso bíblico, uma flor ou uma frase no canto de um lençol, ela está escrevendo memórias que resistem ao tempo. É literatura têxtil, onde a leitura se faz com os olhos e com os dedos.

Assim como o escritor escolhe palavras e ritmos, a bordadeira escolhe linhas, cores, tecidos, tensões. Um ponto apressado, outro hesitante, outro preciso. A linguagem está ali, mas não em letras: está no gesto. Um bordado pode ser lido como se lê um poema concreto, com o olhar que percorre formas e vazios.

Há, inclusive, uma sabedoria ancestral no bordar que nos fala sobre tempo. Bordar não se apressa. É trabalho de paciência, de presença. A literatura também. Um bom texto é como uma peça bordada: exige escuta, atenção, silêncio entre as frases.



Talvez por isso, tantas vezes, bordar e escrever sejam atividades de mulheres. Não por limitação, mas por resistência. Por delicadeza ativa. Por escolha de expressar com o corpo aquilo que a palavra nem sempre alcança.

O bordado é texto que se veste. Frase que se pendura. Poema que atravessa gerações escondido num pano de prato.

Neste encontro entre arte têxtil e palavra escrita, percebemos que toda escrita é bordado. E toda linha pode ser literatura.

Renda de Palavra

ponto

respiro

fio que passa

dobra

silêncio que prende

laça

nó

aperta

história contida

linha que segue

não dita

ponto

espera

como quem escreve

e não termina

e não começa

mas continua

trama de letra

laço de sentido

verso que rendeia

sem ruído

o livro também é bordado

feito devagar

por dentro

à mão

de memória

e cada palavra

é um ponto firme

no pano invisível

da atenção

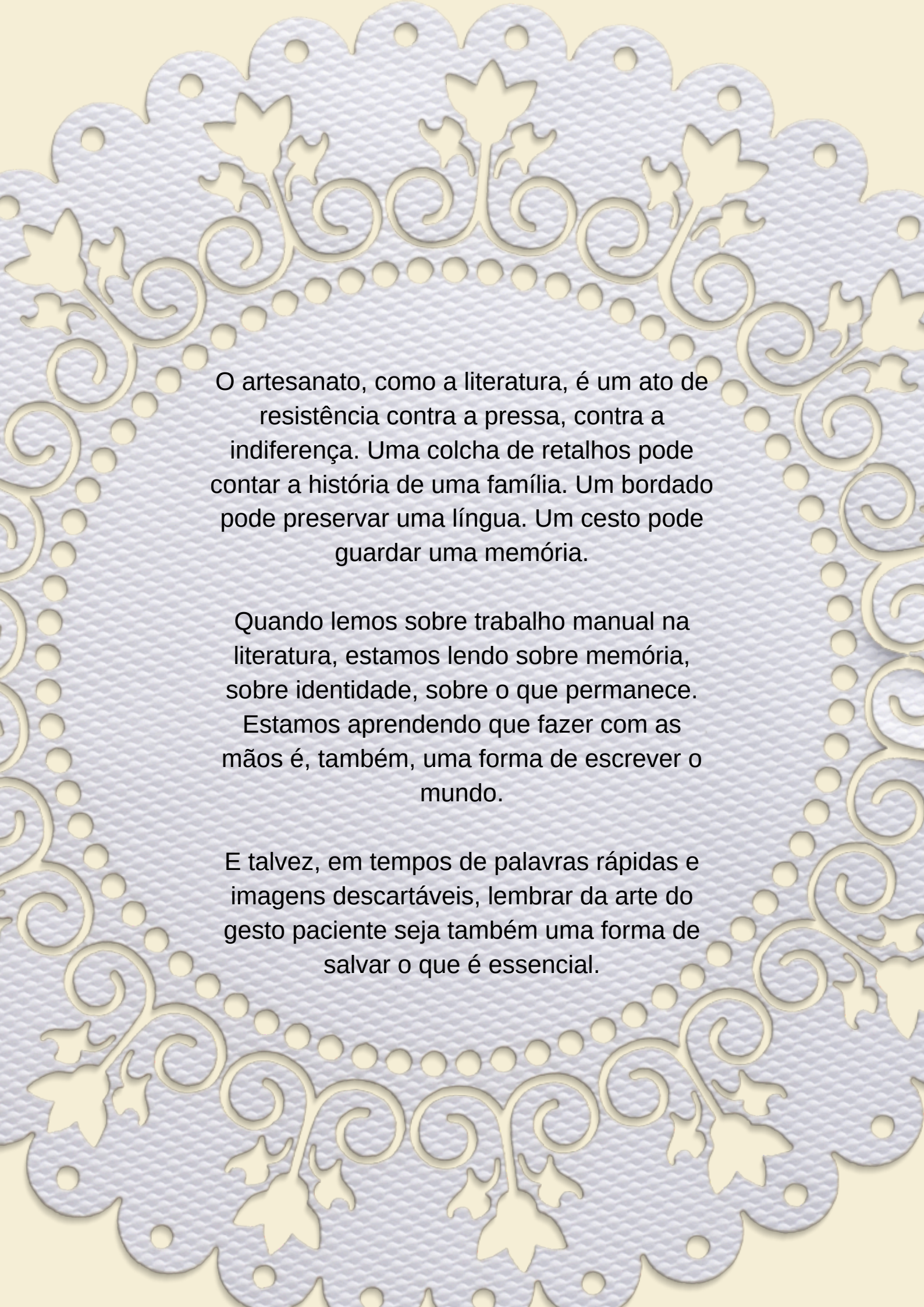
A Literatura do Trabalho Manual: Histórias Tecidas pelas Mãos

O trabalho manual, durante muito tempo, foi visto como silencioso, quase invisível. Mas a literatura sempre soube ouvir o que as mãos diziam. Tecelãs, bordadeiras, rendeiras, carpinteiros, oleiros e lavradores habitam romances, poemas e contos como figuras que carregam não apenas ferramentas, mas sabedorias profundas.

Em Guimarães Rosa, as palavras são talhadas como madeira, torneadas com esmero: seu sertão é cheio de trabalhadores que constroem com o corpo as histórias que narram. Em João Cabral de Melo Neto, especialmente em "Morte e Vida Severina" e "O Cão sem Plumas", o trabalho manual é vida tecida à custa de suor, repetida com a precisão de um bordado triste.

A escrita que valoriza o trabalho das mãos é, muitas vezes, uma escrita que respeita o tempo, a repetição, o detalhe. Que entende que cada ponto, cada pedaço, é essencial para que algo maior exista. Assim como um romance é feito de frases que se costuram, uma renda é feita de nós e espaços.





O artesanato, como a literatura, é um ato de resistência contra a pressa, contra a indiferença. Uma colcha de retalhos pode contar a história de uma família. Um bordado pode preservar uma língua. Um cesto pode guardar uma memória.

Quando lemos sobre trabalho manual na literatura, estamos lendo sobre memória, sobre identidade, sobre o que permanece. Estamos aprendendo que fazer com as mãos é, também, uma forma de escrever o mundo.

E talvez, em tempos de palavras rápidas e imagens descartáveis, lembrar da arte do gesto paciente seja também uma forma de salvar o que é essencial.

Entre Linhas e Imagens: Um Convite à Galeria criada pela IA

Nem toda arte precisa ser dita. Algumas histórias vivem entre os fios,
nos gestos que traçam, dobram, torcem e desenharam o invisível.

Nesta galeria, não olhamos apenas para bordados e rendas. Olhamos
para tempos costurados com paciência. Para palavras que viraram
ponto, para silêncios que tomaram forma em linhas.

Cada imagem é uma narrativa silenciosa. Cada ponto é um fragmento
de fala antiga. Cada desenho é uma tentativa de prender no tecido
aquilo que o vento poderia levar.

Passeie sem pressa. Leia os bordados com os olhos e com o corpo.
Imagine a história escondida em cada flor rendada, em cada arabesco
sutil.

Porque bordar é construir uma linguagem que ultrapassa o papel. É
escrever sobre a pele do mundo.

Bem-vindo à nossa galeria de linhas vivas.















CURADORIA DA MATRONA

Uma iniciativa de Atramentis Vivas.

A cada seis meses, uma artista é escolhida.

Não por algoritmos. Não por concursos. Mas por olho, alma e intenção.

Ela é acolhida sob o manto da Matrona.

Recebe um apoio financeiro de R\$2.000 — gesto concreto de confiança e incentivo.

Recebe também espaço: uma publicação especial na revista, com entrevista, obras e voz.

Recebe visibilidade: será apresentada em nossas redes, com carinho e constância.

Recebe presença: uma conversa curatorial, um olhar, uma escuta.

Recebe tempo.

A Curadoria da Matrona é um ato de sustento artístico.

Não se propõe a resolver, mas a nutrir.

Apostamos em artistas que estão em meio à travessia — com talento, desejo e coragem.

Não há inscrições. A escolha é íntima, orgânica, viva.

O critério é o encantamento.

Abertura da procura em Agosto .

Entrevista: Rose uma das Rendeiras da Barra de Renda

por Julia Depaula

- *A senhora poderia nos contar como começou a aprender a arte da renda? Quem ensinou e o que significava esse gesto naquele tempo?*

Sim. A arte da renda eu aprendi aqui, já no projeto. Eu fiquei um ano para conseguir entrar no projeto, que já existia pelo Museu Vivo. Eu via a Rose e a Pâmela fazendo. Eu sempre via elas rendando e achava que eu não ia conseguir. Aí, de tanto vê-las fazendo, e com a nossa professora de corte e costura, a Zesa, insistindo para eu tentar, eu resolvi vir fazer.

No início, era só aos sábados, e eu não queria ocupar meu sábado. Além disso, eu achava que era muito difícil. Mas, quando eu entrei, eu me apaixonei pela arte, porque é um trabalho bem desafiador. A pessoa tem que ter vontade de aprender para conseguir fazer. É bem complexo para quem nunca viu.

Quem me ensinou? Na realidade, quem me ensinou foi a Pâmela. Quando eu entrei, tinha a Dona Rosinha, que era a instrutora, a nossa mestra. Só que ela já estava doente. Então, os meus primeiros pontos foram ensinados por todo mundo que estava lá. Lógico que eu tive algumas aulas com a Dona Rosinha, mas ela já estava bastante debilitada. Tanto que, um ano depois, ela faleceu.

O que significou para mim esse gesto de aprendizado? Na realidade, foi um reencontro com as minhas origens. Aqui, eu descobri que a minha bisavó fazia renda e ensinava muitas pessoas da Barra. Isso era uma história da minha família que eu não sabia. Eu sabia que a minha família era muito envolvida com o Congo, como a maioria das pessoas da Barra, mas essa arte da renda de bilro, que existiu aqui, estava quase extinta há 50 anos, quase na época em que eu nasci. Então eu não conhecia.

Foi aqui, com o projeto, que eu fui descobrir essa história da minha família com a renda de bilro. E foi isso que me incentivou ainda mais a aprender.



- *O que a senhora sente enquanto rendeia? Existe alguma emoção ou pensamento que costuma acompanhar seus pontos?*

Na realidade, eu corro atrás de aprender porque eu gostei muito do fato de poder passar para frente esse conhecimento. Às vezes, eu nem faço a renda completa... Eu aprendo os pontos só para poder ensinar para as outras pessoas, entendeu?

Até as meninas me perguntam como é que eu consegui aprender aquele ponto.

Eu olho o pique... Quanto mais desafiador é o ponto, para mim, é melhor! Eu procuro saber como que faz, justamente para poder ensinar depois.

Às vezes, eu nem chego a fazer a renda por metro, sabe? O meu maior prazer hoje é ensinar. É ensinar.

- *Muitas pessoas olham a renda como apenas um “artesanato”. A senhora sente que há arte naquilo que faz? O que há de criação e de invenção no seu trabalho?*

Na realidade, no meu ver, a renda é um desafio. Quando a gente vê a renda pronta, vai criando várias ideias. Às vezes, o que eu vejo naquela renda, outra pessoa vê de forma bem mais ampla, uma coisa completamente diferente.

Ontem mesmo a gente estava aqui com um trabalhinho que eu fiz, só experimentando... As meninas estavam achando aquilo maravilhoso, pedindo para eu fazer de novo. É um trabalho muito minucioso, muito pequenininho.

Então, a gente vê que o trabalho manual é uma arte mesmo. E essa arte da renda ainda mais, porque é um resgate de uma cultura que estava quase extinta.

Ter hoje a visibilidade desse trabalho, sendo reconhecido como arte, é maravilhoso.

ÁUDIO DESCRIÇÃO

Barra de Renda



- *A senhora já pensou que, de certa forma, cada renda conta uma história? Há alguma peça ou ponto que tenha um significado especial para a senhora?*

A cada ponto que a gente descobre... Eu acredito que todos eles têm um significado. Cada ponto que a gente começa na renda, começando pelos mais fáceis e depois avançando para os mais difíceis, é uma descoberta. É uma superação de cada pessoa, no sentido de conseguir fazer aquilo, vencer aquele desafio, entendeu?

Então, para mim, é uma descoberta da liberdade de trabalhar com as próprias mãos. Cada ponto traz essa sensação.

- *O que a senhora gostaria que as novas gerações soubessem sobre a arte de fazer renda? O que esse saber ensina, além do que é visível?*

Ah... Qualquer arte, né? Ela é uma cultura. É a cultura de um povo, de um bairro... No nosso caso aqui, é a cultura do nosso bairro. Então, seria muito importante que as crianças participassem. A gente luta muito por isso: que as crianças venham. A gente tem a maior paciência em ensinar.

Já tivemos uma sala aqui com quase dez crianças. Porque são elas que vão carregar esse legado. Por mais que a gente ensine para pessoas mais velhas, que estão aqui se distraindo, fazendo... Quem vai realmente levar o legado daqui a uns 20 anos são as crianças.

São elas que vão poder dizer: "Olha, eu também sei fazer isso aqui. Eu vi fazendo". Então, é um legado que está nas mãos das crianças, das jovens, como a Pâmela, que vão, no futuro, levar isso para frente.

É uma arte que nunca vai morrer. Nunca vai morrer.



Remendos extras da conversa...

Sou de origem germânica. A Dona Rosinha era sobrinha da minha avó. Foi a Dona Rosinha quem ensinou para as outras meninas. Ela era sobrinha da minha avó.

Minha avó não chegou a me ensinar, não. Quando eu cheguei na fase de aprender, ela já tinha falecido. Mas eu a vi fazendo muita renda. E acho que, pra mim, pelo menos, isso tem um valor muito grande. Eu vi minha avó fazendo, Renata.

Ela queria me ensinar, porque achavam que eu tinha muita habilidade com agulha. Eu fazia crochê, né? Aí ela dizia: “Minha filha, isso aqui não é só agulha, não!”. Eu dizia: “Não, vovó... Eu não quero, não. Isso tem muita agulha!”. Ela respondia: “Não, minha filha, não é agulha, não...”.

Depois, quando vi, estava lá aprendendo.

Tem uma pessoa aqui no grupo que falou que isso pra gente é uma espécie de “bioterapia”. E de fato é mesmo! Porque a gente se concentra, fica ali lidando com o desafio. Parece até um teste psicológico. A gente vai pensando, vai fazendo, e vai resolvendo um monte de problemas... Tudo em silêncio!

Verdade! E o que estiver atrapalhando a mente, a gente vai deixando de lado enquanto trabalha os pontos. Depois, quando tira a peça da almofada, está lá... Pronto! Assim, de um jeito tão bonito!

Essa peça aqui, por exemplo, tem uns 15 dias que estou fazendo. Mas é porque só consigo dedicar duas, três horas por dia. É um trabalho muito minucioso... Mas é lindo! Deixa eu te mostrar... Pode tirar uma foto!



barraderenda.es@gmail.com
Instagram: @barraderenda



Remendos extras da conversa...

Nome: Regina Ruski

Sou moradora da Barra há aproximadamente 30 anos. Sou apaixonada por cultura popular e patrimônio imaterial. Já tem 10 anos que a gente começou esse resgate da renda. Depois de 45 a 50 anos sem ninguém fazer renda na Barra do Jucu, a gente conseguiu resgatar. E hoje somos 60 pessoas envolvidas.

Como vocês conseguem manter o projeto? Há apoio governamental ou municipal?

Na verdade, é um grande voluntariado. Mas a gente busca recursos em editais, principalmente de cultura. Nós escrevemos projetos, submetemos aos editais e, quando o projeto é aprovado, recebemos a verba e aplicamos exatamente conforme o que está no projeto. Tem que ter nota de tudo e, no final, fazemos a prestação de contas: tanto dos valores, quanto do que foi feito e produzido. Temos que apresentar fotos de tudo, lista de presença de todas as atividades, além de uma apresentação final dos resultados e publicações.

O Ateliê das Rendeiras, ou "Bar de Renda", funciona de segunda a sábado. Temos uma turma por dia, porque a sala é muito pequena, então não comporta mais pessoas. As turmas variam conforme o dia.

Na segunda-feira, por exemplo, é o dia do núcleo de produção. Normalmente, temos duas coordenadoras, e é quando projetamos o que vamos produzir, o que precisamos comprar e também fabricamos produtos para venda, para ajudar a sustentar o projeto.

Vocês comercializam os produtos feitos nas oficinas?

Sim. Esses produtos usam bastante renda feita pelas participantes do projeto. As rendeiras recebem pelo metro de renda que produzem. Algumas também costuram e recebem pela costura. Outras bordam e recebem pelo bordado. Tem ainda quem faz bijuterias usando a iconografia das rendas, e também recebe por isso.

A gente vai tentando gerar economia tanto para a comunidade quanto para quem participa diretamente do projeto. Temos também artesãos externos: por exemplo, o pessoal que faz as bases de madeira para os produtos, ou as bonequeiras, que produzem as bonecas rendeiras. Temos vários modelos de bonecas: a Rendeira Menina, a Rendeira Idosa, a Rendeira Portuguesa... Algumas artesãs já trabalhavam com bonecas e, depois do projeto, passaram a produzir essas versões com temática de renda.

E como começou essa sua vontade de criar o projeto? Você também faz renda?

Faço, sim. Eu faço renda também. Começamos esse projeto dentro de um grupo da comunidade. Na época, fundamos o Museu Vivo da Barra do Jucu. Foi tudo parte desse movimento de valorização da nossa cultura local.

Remendos extras da conversa...

Nós começamos aqui na Barra com a ideia de ajudar a resgatar algumas tradições da cultura local que já tinham se perdido, como era o caso da renda de bilro. Além disso, também buscamos fomentar outras manifestações culturais, para que a vila voltasse a ser um lugar com muita vida cultural — o que, graças a Deus, hoje a gente já conseguiu bastante.

Eu já gostava muito da história das rendas porque sempre gostei de conversar com pessoas mais velhas. E elas contavam essas histórias com uma saudade danada...

Diziam: “Eu fazia, minha irmã fazia, minha mãe fazia, e passei para minha filha”.

Então, pensamos no resgate disso.

Conseguimos formar um grupo e começamos, há dez anos, esse trabalho. O grupo era bem pequenininho no começo. Primeiro, aprendemos a fazer as almofadas para renda. As almofadas são feitas com palha de bananeira seca — não sei se você viu, mas ela é recheada com palha mesmo. Os birros são feitos com coquinhos das matas da região. Tudo muito sustentável.

Por quê? Porque a comunidade é pobre. Não tinha como comprar material. Os sacos usados nas almofadas, por exemplo, eram sacos de estopa que vinham do porto. Quando os maridos iam até Vitória levar alguma coisa pelo rio, eles traziam esses sacos que encontravam no chão do porto para as mulheres fazerem as almofadas. Então, tem muita tradição envolvida nessa história. A gente nem imagina quando olha o resultado final.

Hoje, também temos trabalhado muito com as questões de acessibilidade. Temos, por exemplo, uma aluna cadeirante. Minha mãe, por exemplo, vai fazer 94 anos e também faz renda. Ela hoje é cadeirante.

Por isso, criamos um cavalete especial para que a cadeira de rodas se acomode bem. Ajustamos o que tínhamos e, depois, produzimos outros modelos com base nessa primeira adaptação.

Temos ainda uma almofada com audiodescrição. Se vierem pessoas cegas aqui, a gente explica tudo, e há um áudio gravado também. Eles podem tocar a almofada, que é feita com uma linha mais grossa para facilitar o tato. E, enquanto eles vão tocando, explicamos: “Aqui é a costela de sapo, aqui é o pano aberto, aqui é o pano fechado, aqui é a aranha, aqui é o mataxim...”. Assim, eles conseguem entender a diferença de um ponto para outro.

Estamos sempre buscando evoluir.

Eu sou arquiteta de formação, então acho que por isso também tenho tanto gosto por patrimônio material.

Entrelinhas

Borda-se um livro
como se rendeia o tempo:
ponto por ponto,
silêncio entre nós.

Cada frase,
uma linha fina que atravessa
o tecido do mundo.

Cada espaço em branco,
uma ausência que fala.
Renda é palavra costurada.
Literatura, desenho invisível.

Ambas pedem mãos,
paciência,
resistência delicada.

O que se escreve
fica.

O que se borda
respira.

E entre uma letra e outra,
como entre um nó e um fio,
há sempre
um segredo de mulher
guardando o tempo com beleza.

Encerramento: Costura Invisível

Chegar ao fim de uma edição é como dar o último ponto de um bordado: não é o fim da linha, mas o início do repouso.

Cada texto, cada imagem, cada gesto aqui reunido foi pensado como parte de uma costura maior – um tecido de memórias, afetos e artes.

Esperamos que você tenha lido com os olhos, mas também com as mãos. Que tenha sentido o tempo lento dos pontos, a resistência silenciosa das tramas, a beleza que nasce do gesto paciente. Porque arte, literatura e trabalho manual compartilham o mesmo segredo: o cuidado. E onde há cuidado, há permanência.

Que este fio continue com você.

A Editora

